

HACHIGATSU NO KYOSHIKYOKU / 1991

(Rapsódia em Agosto)

um filme de Akira Kurosawa

Realização: Akira Kurosawa / **Argumento:** Akira Kurosawa, segundo o romance “Nabe no Naka”, de Kyioko Murata / **Fotografia:** Takao Saito, Shoji Veda / **Direcção Artística:** Yoshiro Muraki / **Figurinos:** Kazuko Kurosawa / **Música:** Shib’ichiro Ikebe, segundo Schubert e Vivaldi / **Som:** Ken’ichi Benitani / **Intérpretes:** Sachiko Murase (Kane, a avó), Hidetaka Yoshioka (Taeto, filho de Yoshie), Tomoko Otakara (Tami, filho de Tadao), Richard Gere (Clark, sobrinho de Kane), Mie Suzuki, Mitsunori Isaki, Hisashi Igawa, Tochie Negishi, Choivhiro Kawarasaki, Narumi Kayashima.

Produção: Hisao Kurosawa, para Kurosawa Production / **Director de Produção:** Teruyo Nogami / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 35mm, colorida, versão original legendada em português, 97 minutos / **Estreia em Portugal:** King, Nimas, 7ª Arte, a 13 de Setembro de 1991.

A sessão tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo de 15 minutos

A obra de Akira Kurosawa podia dividir-se em duas partes distintas, entre a elegia e a epopeia. Caminhos que não são independentes, antes se entrecruzam, ao longo da sua carreira, alternando títulos de um género e outro, mas também dentro de cada um dos seus filmes, pois o épico é sempre percorrido por longas e singulares imagens de repouso e contemplação, e o elegíaco é por vezes interrompido por bruscas manifestações de som e de fúria. Isto independentemente de se tratarem de obras de “reconstituição histórica” ou dramas “contemporâneos”. Ao magnífico esplendor de um **Shichinin no Samurai (Os 7 Samurais)**, de **Kumonosu Jo (O Trono de Sangue)**, **Kagemusha** e **Ran**, alternam-se as líricas deambulações e meditações dos fabulosos **Ikiru (Viver)**, **Dodes’kaden** e **Dreams**.

Num caso como no outro é sempre a condição humana, o drama do homem diante das forças cósmicas e o seu medo por aquilo que não é capaz de (ou não quer) compreender, que caminha instintivamente para os seus fins, sem se dar conta de todos os dramas que provoca ou de que não passa de um títere de algo a que alguns chamam Destino, mas que tem algo a ver com uma qualquer “mensagem” genética onde se manifesta a “vontade de poder”, o instinto vital e o de morte. Este deslumbrante **Hachigatsu no Kyoshikyoku** contém uma sequência que poderia considerar-se emblemática de todo o cinema do autor: na cerimónia de homenagem à vítimas de Nagasaki, o garoto e o seu tio americano (Richard Gere) observam as formigas que percorrem um pequeno sulco na terra e que as leva para as pétalas de uma rosa. O que é um dos mais belos planos do cinema moderno, não é apenas um preciosismo estético, tem também uma profunda dimensão significativa, mais vincada neste último filme em que Kurosawa retoma uma das obsessões que mais particularmente

dominam a sua obra: a memória da bomba atómica e a ferida que deixou no Japão. Mas mais particularmente sugestiva é enquadrar esta nova incursão nesse tema com as visões anteriores. É que no conjunto os seus filmes que directamente o tratam testemunham da evolução das reacções das várias gerações quando confrontadas com a memória. Num filme de 1955, **Ikomono no Kiroku** ("Eu Vivo no Medo"), Kurosawa mostra-nos a geração que sobreviveu à guerra e os seus terrores perante a "bomba", cujo perigo a "guerra fria" mantinha latente (e que no cinema japonês se plasmou então numa verdadeira inundação de filmes de terror e ficção, com monstros despertando do passado e mutantes disformes nascidos de explosões atómicas, numa verdadeira zoologia enlouquecida). **Ran** é também uma reflexão sobre o horror, leitura subliminar ao drama da luta pelo poder segundo o "King Lear". Em **Dreams**, para além de todo o filme formar uma espécie de mosaico de memórias de Kurosawa, o drama é o tema dominante em dois episódios. Esta **Rapsódia...** surge como um corolário deste último filme.

Já não se trata, porém, de uma simples constatação ou evocação do horror. Podíamos dizer que o filme se encontra sob o signo de uma ideia de "reconciliação", através da personagem do familiar sino-americano que vem visitar a velha Kane, sua tia. Aí se encontram três gerações: a que presenciou o drama, a que dela nasceu procurando recalcar o horror na tarefa de reconstituição do país, e a terceira, "normalizada", sobre a qual vai recair a tarefa de sarar os traumas, mas também manter viva a recordação, porque a memória é curta e a culpa de tudo não é este ou aquele "inimigo" em particular, mas a guerra em geral, como diz a velha Kane ("Lançaram a bomba para acabar com a guerra, mas a guerra continua em todo o lado"). É ela que vem "resgatar" a "cobardia" dos pais e o seu medo de reavivarem feridas antigas perante os familiares "americanos". O filme começa, por isso, com a "descoberta" desse passado pela nova geração, na ausência da geração intermédia. Avó e netos vai percorrer o tempo e a memória, até à chegada dos restantes membros da família. A chegada do elemento "estranho" dá início a esse processo de reconciliação que culmina na cerimónia de homenagem às vítimas de Nagasaki e na belíssima sequência da rosa e das formigas, que já citámos. Desta viagem pelo passado emerge uma nova esperança, a do perdão e da fraternidade, aqui exposta de uma forma mais serena, o que em **Dreams** terminava num arrombo de lirismo, no episódio das azenhas. Mas para que isso seja possível, a velha geração tem de desaparecer, depois de deixado o seu testemunho (e nisto este filme é, de novo, uma reflexão autobiográfica de Kurosawa): o irmão mais velho morre no Hawaii, e a velha Kane perde a razão, refugiando-se no passado quando o "relógio parado no tempo" (como refere a neta) recomeça a andar no momento em que fora interrompido: com a explosão de Nagasaki. Isto numa sequência que é das mais poderosas que Kurosawa filmou: a corrida da velha, na tempestade, em direcção à colinas, num ritmo onde se reencontra o som e a fúria de **Sichinin no Samurai**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico